

# BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1397 | 24/07/2017 a 30/07/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

LEVANTAMENTO

## CUSTO DA AVICULTURA

Produtores paranaenses lutam para  
equilibrar despesas e obter lucro

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)

# Aos leitores

O levantamento do custo de produção da avicultura realizado pela FAEP, em abril deste ano, traz um retrato atual e pouco animador do setor no Estado. O estudo mostra que o segmento tem uma margem de lucro negativa, quando considerada apenas a receita bruta obtida com a venda dos frangos, mas que a situação melhora um pouco quando somada os valores da venda da cama de aviário.

Outra reportagem nesta edição traz a expectativa de aumento de 33% na produção de laranja no Estado, na safra 2017/18, chegando a 1 milhão de toneladas da fruta.

Também mostramos como a área plantada de cevada no Paraná subiu para 51 mil hectares em 2017.

**Boa leitura.**

## Expediente

### • FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores**

**Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro |

**Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### • SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

### • BOLETIM INFORMATIVO

**Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon | **Edição:** Ricardo Medeiros **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski e Carlos Guimarães Filho **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei **Contato:** [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1397:

Fernando Santos, Murillo Constantino, AEN, Lineu Filho, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

## ÍNDICE



## CUSTO DE PRODUÇÃO

Desempenho da avicultura paranaense

PAG. 3

## LARANJA

Produção cresce no Estado

Pág. 8

## CEVADA

Lavoura aumenta 24% em 2017

Pág. 12

## HISTÓRIA

Linha de montagem da Ford

Pág. 16

## PAP 2017/18

Incentivo ao rebanho de ovinos e caprinos

Pág. 18

## PER

Premiados conhecem sistemas produtivos na Argentina

Pág. 22

# Linha tênue entre lucro e prejuízo

Depreciações e remuneração sobre capital tiveram maior impacto sobre o custo dos avicultores paranaenses



**Por Ana Paula Kowalski**  
Engenheira agrônoma DTE/FAEP

Em abril de 2017, a FAEP realizou levantamento do custo de produção da avicultura em seis das dez regiões geográficas do Paraná: Sul, Sudoeste, Oeste, Norte, Norte Pioneiro e Noroeste. As microrregiões pesquisadas foram Castro, Chopinzinho, Dois Vizinhos, Cascavel, Toledo, Londrina, Cambará e Cianorte.

As reuniões para levantamento dos dados contaram

com a participação de avicultores, representantes das agroindústrias, fornecedores de equipamentos e instituições financeiras. Foram atualizados os índices zootécnicos e as variáveis que compõem o custo de produção, tais como quantidade de insumos utilizada e preços.

Ao todo foram coletadas informações de 33 tipos de aviários, de 12 tamanhos diferentes, desde os menores 100m x 12m, com apenas 1 galpão, até os maiores 150m x 24m. Os tipos mais frequentes são os 150m x 16m, com produção de frangos pesados (6); seguido dos 100m x 12m, com produção de frangos pesados (6); e os 100m x 12m, com produção de frangos griller (5).

Estes aviários representam a moda, ou seja, são aqueles que mais se repetem e que congregam o nível tecnológico e de manejo mais comum entre os avicultores das regiões pesquisadas.

## Tipos e quantidade de aviários pesquisados (em metros)

<ul style="list-style-type: none"><li>① 150 x 14 pesado</li><li>① 150 x 16 pesado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>② 100 x 12 pesado</li><li>① 150 x 14 pesado</li><li>① 160 x 16 pesado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>① 125 x 12 griller</li><li>① 125 x 14 griller</li><li>① 140 x 14 griller</li><li>① 150 x 16 griller</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>② 100 x 12 pesado</li><li>① 125 x 12 pesado</li><li>① 130 x 14 pesado</li><li>② 150 x 16 pesado</li></ul>
<b>CIANORTE</b>	<b>LONDRINA</b>	<b>CAMBARÁ</b>	<b>TOLEDO</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>② 100 x 12 pesado</li><li>② 130 x 12 pesado</li><li>② 150 x 16 pesado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>① 100 x 12 griller</li><li>① 150 x 16 griller</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>② 100 x 12 griller</li><li>① 140 x 14 pesado</li><li>① 150 x 16 pesado</li><li>① 150 x 24 pesado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>② 100 x 12 griller</li><li>② 150 x 16 griller</li></ul>
<b>CASCAVEL</b>	<b>DOIS VIZINHOS</b>	<b>CHOPINZINHO</b>	<b>CASTRO</b>

## Conceitos

### Custo Variável

É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, dentre outros

### Custo Operacional

É o Custo Variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde à perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor efetivamente, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.

### Custo Total

É o Custo Operacional somado à remuneração sobre o capital (investido e de giro). A remuneração sobre o capital é o custo de oportunidade do avicultor caso o dinheiro que ele investiu e desembolsa a cada lote fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento de 6% ao ano).

## Comparativo entre as regiões

O custo variável responde por mais da metade do custo total. Na média paranaense, 56% das despesas pertencem a esta categoria. Na sequência, o que mais pesa no bolso do produtor é a depreciação de máquinas e equipamentos, que representa 29% do custo. E, por último, a remuneração sobre o capital com 15%.

A maioria das regiões respeita esta proporção mediana dos custos. A maior diferença é observada em Cambará, onde o custo variável corresponde a 66% do total. O fator preponderante para este resultado é o maior gasto com lenha que supera em 47% a média paranaense. Cambará também possui o segundo maior gasto

com mão de obra e o terceiro maior gasto com energia elétrica.

A distribuição dos custos em Cascavel também se diferencia da média paranaense. O peso das depreciações (35% do custo total) e da remuneração sobre capital (18% do custo total) são os maiores dentre as regiões pesquisadas. O motivo é uma combinação de custo variável mais baixo e valores mais elevados das instalações e equipamentos.

Os quatro itens de maior peso no custo variável médio do Paraná são a mão de obra, a energia elétrica, a lenha para aquecimento e a cama. Juntos, eles respondem por 79% do custo variável.

A mão de obra lidera os gastos em todas as regiões

## Distribuição dos Custos Variável, Operacional e Total

(Média Regiões pesquisadas e Média Paraná - Abril 2017)



Fonte: Custos de Produção da Avicultura (abril/2017). Elaboração DTE/FAEP

pesquisadas. Já a segunda posição, que na média paranaense é ocupada pela energia elétrica, apresenta variações conforme a região. Em Cambará, Castro e Dois Vizinhos, por exemplo, a lenha é o segundo maior custo e a energia elétrica cai para a terceira posição.

A margem de lucro da avicultura do Paraná em abril/2017 foi negativa (- R\$ 0,02/cabeça) quando con-

siderada apenas a receita bruta obtida com a venda dos frangos. A margem fica positiva (+R\$ 0,04/cabeça) quando somada a receita com a venda da cama de aviário e o consumo de aves.

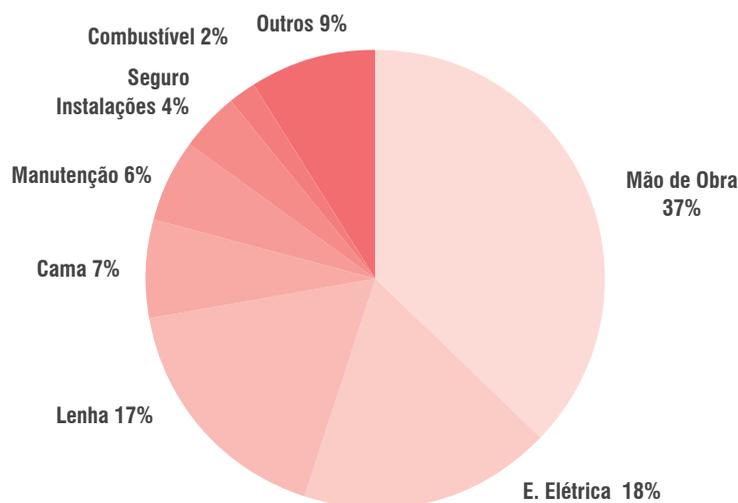
Isto significa que o avicultor está na linha tênue entre lucro e prejuízo, praticamente empatando a receita obtida com o custo total da atividade. Para este cálculo foi considerada a média de todos os aviários, em todas as regiões pesquisadas, conforme tabela na próxima página.

Das oito regiões pesquisadas, três apresentaram prejuízo quando consideradas todas as receitas (venda de frangos e da cama e consumo de frangos na propriedade). São elas Campos Gerais, Cambará e Toledo. O prejuízo se estende para outras duas regiões (Dois Vizinhos e Chopinzinho) quando considerada apenas a receita com a venda dos frangos.

O melhor resultado foi observado em Cianorte, que apresentou custos um pouco superiores à média estadual, porém com a melhor remuneração por cabeça de todas as regiões. Castro apresentou o pior resultado mesmo com o segundo menor custo dentre as regiões pesquisadas. Este fato é explicado pela menor remuneração recebida por frango entregue, que está abaixo da média paranaense.

### Distribuição dos Custos Variáveis

(Média Paraná - Abril 2017)



Fonte: Custos de Produção da Avicultura (abril/2017). Elaboração: DTE/FAEP

## Custos e receitas da avicultura (Média Regiões Pesquisadas e Média Paraná - Abril 2017)

	em R\$/ cabeça								
	Dois Vizinhos	Castro	Cambará	Chopinzinho	Cianorte	Londrina	Cascavel	Toledo	Paraná
Custo Variável (CV)	0,21	0,24	0,33	0,36	0,38	0,39	0,35	0,45	0,34
Custo Operacional (CV+depreciações)	0,31	0,35	0,43	0,53	0,57	0,60	0,61	0,69	0,51
Custo Fixo (depreciações+remun. sobre capital)	0,17	0,15	0,17	0,26	0,30	0,32	0,40	0,36	0,27
Custo Total (CV+CF)	0,37	0,40	0,49	0,62	0,67	0,71	0,74	0,80	0,60
Receita Bruta (venda frangos+cama+consumo)	0,37	0,29	0,44	0,64	0,90	0,83	0,86	0,78	0,64
Receita Bruta (somente venda frangos)	0,35	0,27	0,40	0,59	0,82	0,73	0,74	0,72	0,58
Margem sobre Custo Total (venda frangos+cama+consumo)	0,00	-0,11	-0,05	0,02	0,23	0,12	0,12	-0,02	0,04
Margem sobre Custo Total (somente venda frangos)	-0,02	-0,13	-0,09	-0,03	0,15	0,02	0,00	-0,08	-0,02

Fonte: Custos de Produção da Avicultura (abril/2017) . Elaboração DTE/FAEP

### Comparativo anual

O custo total médio da avicultura paranaense ficou 9% mais caro em abril de 2017, quando comparado a abril de 2016. As depreciações e a remuneração sobre o capital tiveram o maior impacto sobre o custo total, ambos influenciados pelo aumento dos preços das instalações e equipamentos. O custo variável também subiu 6% em relação ao ano anterior.

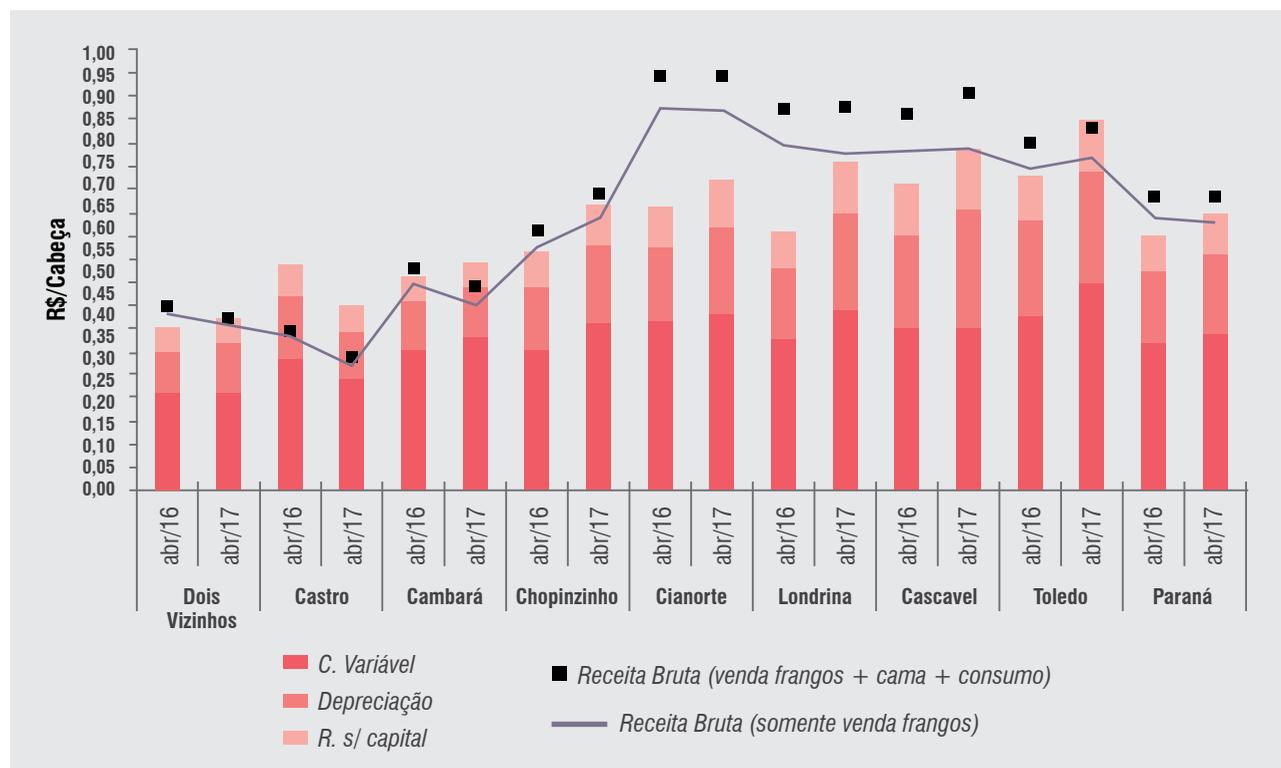
Praticamente todas as regiões apresentaram aumento de custos em relação ao mesmo período do ano anterior. A única exceção foi Castro, que teve redução de 18% muito em função da exclusão do aviário 100m x 12m, com criação de frangos pesados do levantamento (deixou de representar a moda da região).

A maior diferença interanual foi observada em Londrina, com aumento de 27% no custo total. A menor variação ocorreu em Dois Vizinhos (+12%) e Cambará (+6%).



## Comparativo de receitas e despesas

(Média Regiões pesquisadas e Média Paraná - Abril 2016 e Abril 2017)



Fonte: Custos de Produção da Avicultura (abril/2017) . Elaboração DTE/FAEP

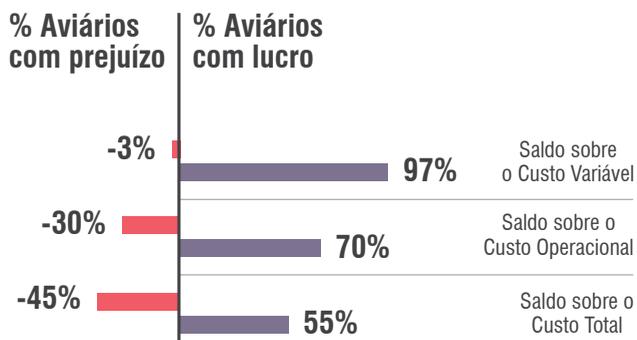
## Por tipo de aviário

O aumento de 6% no custo variável, 13% nas depreciações e 13% na remuneração sobre o capital não foram acompanhados de aumento na receita bruta do produtor. A receita total, que considera a venda dos frangos, da cama e o consumo de aves, não variou em relação a 2016. Por outro lado, a receita exclusiva da venda dos frangos caiu 2% no período.

O resultado foi uma piora da situação econômica da avicultura paranaense neste levantamento de abril de 2017. A receita bruta superou o custo total em 55% dos aviários pesquisados (em abril de 2016 era de 69%). O percentual de aviários com saldo positivo sobe para 70%, quando consideramos apenas o custo operacional (custo variável mais depreciações), ficando abaixo dos 89% registrados em 2016. Quando entra no cálculo apenas o desembolso do produtor (custo variável) 97% dos aviários estão trabalhando no azul contra 98% do ano passado.

Para mais informações, acesse o site do Sistema FAEP, no link Serviços.

## Resultado geral da avicultura paranaense (Abril 2017)



Fonte: Custos de Produção da Avicultura (abril/2017) . Elaboração DTE/FAEP



# Recuperação da laranja

Produção do principal item da fruticultura paranaense deve crescer um terço este ano depois de uma safra com resultados ruins

Por André Amorim



2016 foi um ano que a citricultura mundial deseja esquecer. Problemas climáticos azedaram a produção de laranja naquela temporada, que ficou em um dos piores patamares da história. Na Flórida (EUA), uma das regiões produtoras mais tradicionais do mundo, a safra 2016/17 foi marcada pela pior colheita dos últimos 50 anos. No Brasil não foi diferente. A produção nacional ficou na casa das 245 milhões de caixas, volume 17,2% menor do que a safra anterior.

Segundo o engenheiro agrônomo Paulo Andrade, do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab), o

grande responsável por este resultado foi o clima. Geadas tardias em 2015 e picos de calor na época de frutificação, em 2016, prejudicaram a produtividade dos pomares, afetando a oferta da fruta na safra 2016/17. Para o Brasil, que lidera as exportações mundiais de suco de laranja, foi um resultado inédito. “Uma quebra deste tamanho não sei se já existiu”, diz Ibiapaba Netto, diretor-executivo da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR). De acordo com ele, a baixa disponibilidade de matéria-prima levou a uma redução de 17% nas exportações. Em termos de volume, o país exportou 894,7

mil toneladas de suco de laranja congelado e concentrado equivalente (FCOJ, do inglês Frozen Concentrated Orange Juice). “Foi o menor volume desde a safra 1990/91”, completa Netto.

Em termos de receita, a queda foi de 7%, fruto das variações de preço e de câmbio. Em 2015/16, o faturamento das exportações (em dólar) foi de US\$ 1,744 bilhão. Na safra 2016/17, esse valor caiu para US\$ 1,621 bilhão.

## Expectativa de recuperação

Para esta safra 2017/18, a expectativa é de um aumento da ordem de 33% na produção, que passará de 750 mil toneladas da fruta para 1 milhão de toneladas. O Estado possui cerca de 600 produtores de laranja, com 70% dos pomares concentrados na região Noroeste.

Para o produtor Cláudio Garbin, de Paranavaí, a expectativa é de “boa a ótima”. Depois de dois anos com resultados ruins, ele espera ter este ano uma “safra cheia”. Com cerca de 14 mil pés de laranja, distribuídos em 33 hectares, ele espera colher entre 34 mil e 35 mil caixas da fruta.

Segundo ele, a expectativa nesta temporada também é boa do ponto de vista financeiro. Na safra anterior, além da baixa produtividade, o preço recebido por caixa era de R\$ 14. Nesta safra, Garbin conseguiu fechar em R\$ 20 por caixa. “Você faz o contrato sempre para a safra seguinte, então em novembro passado fizemos esse contrato num momento em que estava faltando laranja no mercado”, explica.

Toda produção de Garbin é entregue à Cocamar, que encaminha as frutas para a indústria Louis Dreyfus, que produz suco de laranja. A cooperativa conta com 280 citricultores, com pomares que somam 98 mil hectares na região Noroes-



O produtor Cláudio Garbin de Paranavaí: otimismo

## O perigo do greening



Pior que as quebras de safra, que são pontuais e passíveis de recuperação, existe uma doença que é fatal para a citricultura paranaense, o Huanglongbing (HLB), popularmente conhecida como greening.

Essa enfermidade, que contamina o floema das árvores, devastou a atividade na China, seu país de origem, e foi responsável pela derrocada dos pomares da Flórida, nos EUA, que já foi a maior região produtora mundial. Uma vez infectada, a planta não tem salvação, irá perder produtividade até que pare completamente de produzir. O único caminho é a erradicação (corte) para que a planta doente não contamine as demais.

O contágio do greening para os citrios é semelhante ao da dengue nos seres humanos. Existe um inseto vetor, o psilídeo (*Diaphorina citri*), que, ao sugar a seiva de uma planta contaminada, leva com ele a bactéria causadora da doença para as plantas sadias.

Desde que surgiu no Paraná, a doença vem trazendo grande apreensão aos produtores. Segundo o coordenador de Sanidade da Citricultura da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), José Croce Filho, nos últimos 10 anos foram cortados 15% dos pomares paranaenses por conta do greening, o que corresponde a 2,5 milhões de árvores. Quando os casos de contaminação são inferiores a 27% das árvores do pomar, as plantas são cortadas individualmente, acima deste percentual, todo pomar é erradicado.

te do Estado. Segundo o coordenador da área técnica de culturas perenes da cooperativa, Robson Ferreira, a estimativa é de uma recuperação no setor com uma colheita da ordem de 7 milhões de caixas de laranja. “Nos últimos dois anos, o produtor sofreu muito com a baixa produtividade. Em alguns casos, pagou para trabalhar. Este vai ser o ano de recuperar a produção”, avalia.

Na opinião de Garbin, os riscos climáticos observados nas duas safras anteriores não devem se repetir tão cedo. “Está correndo bem. Tem condições de ter uma boa safra no ano que vem também”, diz.

## Exportação

Nos últimos anos, os embarques brasileiros de FCOJ têm ficado na casa de 1,1 milhão de toneladas. A queda ocorrida em 2016/17 marcou, pela primeira vez em 11 anos, que as exportações ficaram abaixo de 1 milhão de toneladas. “É um ponto fora da curva, fora de todas as medidas imagináveis”, avalia Netto. Segundo ele, além da quantidade, a qualidade das laranjas para a indústria também deixou a desejar. A média histórica do rendimento industrial é de 250 caixas (40,8 quilos) por tonelada de FCOJ. Na safra passada, foram necessárias 276 caixas da fruta para produzir uma tonelada de suco.

A queda mais severa nas exportações atingiu o principal mercado brasileiro: a União Europeia. Houve redução de 23% no volume exportado e retração de 14% na receita. Nos EUA, outro importante mercado consumidor, o volume exportado pelo Brasil encolheu 13%.

Também entra nesta conta o fato de que nos últimos anos o consumo de suco de laranja no mercado internacional vem diminuindo, o que acarreta um volume menor de exportações brasileiras. De acordo com pesquisa da

empresa Nilser, divulgada recentemente, houve redução de 7,7% no consumo deste tipo de suco nos EUA entre junho de 2016 e junho de 2017.

Segundo Netto, nos últimos anos vem ocorrendo uma queda constante no consumo do FCOJ. Outro tipo de suco, o Not From Concentrate (NFC), que não é concentrado e tem um volume seis vezes maior, vem sendo mais procurado, mas essa procura não compensa o espaço que o FCOJ vem perdendo. “Quando você converte tudo na mesma medida percebe que o aumento do [suco] não concentrado ainda não compensa a queda no [suco] concentrado”, calcula.

O diretor-executivo da CitrusBR enfatiza, porém, que o problema de 2016 não se explica pela queda na demanda. “No ano passado a queda na safra foi muito acentuada, então não foram outros fatores. O problema foi na oferta”, diz.

Vale lembrar que os dados da CitrusBR não consideram a produção do Paraná, apenas as exportações que ocorrem via porto de Santos (SP). “Até tem suco paranaense que se incorpora aos estoques paulistas, mas é muito pouco”, diz Netto.

São Paulo é o principal produtor nacional de citros, com participação superior a 90%. Os paulistas também são os maiores exportadores mundiais de FCOJ. O Paraná responde por 6% da produção brasileira de laranja. Esta é a principal atividade na fruticultura estadual, com 54% do volume de produção.

De acordo com Paulo Andrade, do Deral, a área de produção paranaense é de cerca de 25 mil hectares e vem se mantendo a mesma ao longo dos últimos anos, com alguns replantios e reposições pontuais de pomares por conta do greening. A colheita acontece entre os meses de julho e dezembro. Até o fechamento desta reportagem, cerca de 15% dos pomares do Estado haviam sido colhidos.



Para Ibiapaba Netto, do CitrusBR, queda de 2016 foi “ponto fora da curva”

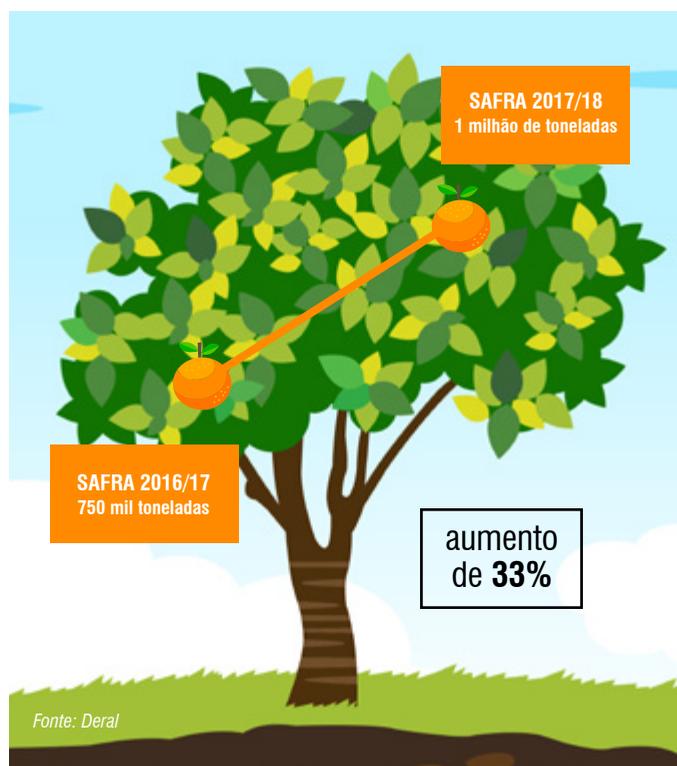
“Nos últimos dois anos,  
o produtor sofreu muito  
com a baixa produtividade.

Em alguns casos, pagou  
para trabalhar.

Este vai ser o ano de  
recuperar a produção”

*Robson Ferreira,  
Coordenador da área técnica de  
culturas perenes da Cocamar*

## Recuperação no Paraná



Segundo Croce, a doença é agravada pela matemática de alguns produtores, que preferem manter uma planta doente por alguns anos, extraindo o máximo de produção, mesmo com pouco rendimento, arriscando assim a sanidade das árvores vizinhas. “É uma doença matemática. Na hora de tirar a planta, o produtor faz a conta de quantas caixas [de laranja] ele tiraria nos anos em que ela está infectada. Esse raciocínio imediatista arrisca todo o pomar”, completa.

Para Croce, o combate à doença no Paraná tem a seu favor a organização do setor produtivo e a ação de cooperativas “É por conta desta organização que a doença vem avançando lentamente”, diz. De acordo com o coordenador da área técnica de culturas perenes da Cocamar, Robson Ferreira, a tarefa número um dos citrícultores cooperados é cuidar do greening. Dentre as estratégias para o controle da doença está o sistema de alerta do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), por meio do qual os citrícultores recebem armadilhas para controle da população de insetos nos pomares. Quando a incidência do psilídeo aumenta, os citrícultores daquela região recebem um alerta pelo celular, indicando que é hora de fazer uma aplicação conjunta de inseticida.

Outra frente de combate é o controle biológico por meio da soltura de pequenas vespas da espécie *Tamarixia radiata*, uma inimiga natural do psilídeo. A ideia é soltar os insetos em áreas próximas aos pomares, como chácaras e regiões urbanas onde há árvores abandonadas. Se fossem soltas nos pomares, morreriam com as aplicações de inseticida.

O Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar) é parceiro da Cocamar nesta estratégia, produzindo as vespas. Segundo Robson Ferreira, são soltas cerca de 40 mil destes insetos por mês na região. Apesar dos esforços, as medidas de controle têm como ponto central a conscientização dos produtores. “Esse é um trabalho constante, se não fossem os produtores conscientes, o estrago seria muito maior”, avalia Croce, da Adapar.

# Mais cevada nos campos paranaenses

No Estado, área plantada com o cereal subiu de 41 mil hectares, em 2016, para 51 mil ha em 2017

Por Antonio Senkovski



Os agricultores do Paraná apostaram mais na cevada em 2017. A área plantada com o grão, conhecido por seu uso na fabricação de cerveja, subiu de 41 mil hectares (ha) no ano passado para 51 mil hectares no ciclo atual, o que representa uma variação de 24%. Apesar disso, o grão ainda é apenas o 4º na lista de maiores culturas de inverno no Paraná, atrás do trigo (1,1 milhão de ha), aveia preta (146,1 mil ha) e aveia branca (68,5 mil ha). Os dados são do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab).

O técnico Metódio Groxco, do Deral, avalia que o fator qualidade é determinante para entender esse incremento na área cultivada de cevada no Estado. “No ano passado,

tivemos a incidência de várias geadas e choveu na medida certa. Foi fantástico, como se fosse um clima ‘encomendado’. Isso se reverteu em produtividade altíssima e qualidade excelente dos grãos, que têm preço melhor que o trigo. Essa qualidade se reflete agora em aumento de área, é um movimento natural”, analisa.

De acordo com a última atualização do Deral, em 18 de julho, 99% da área de cevada já foi semeada. Até então, 84% das lavouras estavam em boas condições e 16% em médias condições de desenvolvimento. “Para esse ano, a expectativa é que o clima seja normal e que a produtividade seja um pouco menor do que no ano passado. O medo é que ocorram geadas em setembro, na fase em que não pode acontecer”, alerta Groxco.



Nos Campos Gerais, os produtores associados à empresa Protecta, que fornece cevada a cervejarias instaladas na região, ampliaram o cultivo de 4,5 mil ha para 5 mil ha. O engenheiro agrônomo Fernando Campagnoli, que trabalha na companhia, diz que essa variação é natural dentro das culturas de inverno. “Vínhamos de três anos bem ruins para a cevada e no ano passado tivemos uma produtividade muito boa, com qualidade. Isso animou parte dos produtores, embora essa variação não seja algo fora da curva esperada”, explica.

## Lavouras

O produtor Alexandre Seitz, de Guarapuava – região de onde sai mais de 60% da produção paranaense – conta que no ano passado colheu seis toneladas de cevada por hectare (100 sacas/ha). Esse foi o maior rendimento já registrado em sua propriedade, mas os custos de produção passaram dos R\$ 4 mil por hectare (R\$ 40 por saca). Nessa situação, com a saca a R\$ 39, as contas não fecharam. “Minha produtividade foi ótima, já a rentabilidade foi baixa”, lamenta.

Por esse motivo, Seitz conta que neste ano não aumentou sua área de cevada. Ele semeou os mesmos 200 hectares da tem-

porada 2016 e espera colher dentro de uma média de 4,5 toneladas por hectare. “A cevada é uma cultura extremamente sensível. Para que tenha boa produção e qualidade é preciso que dê tudo certo do início ao fim do ciclo”, explica. Para dissolver esse risco, o produtor conta que não aposta todas as fichas dos seus 1,1 mil hectares em uma cultura só. “Tenho ainda 450 hectares de trigo, 200 de aveia branca e 250 com cobertura de solo”, enumera.

## Maiores regiões produtoras do Estado

<b>Guarapuava</b>	30 mil hectares
<b>Ponta Grossa</b>	12 mil hectares
<b>Pato Branco</b>	3 mil hectares
<b>Irati</b>	2,2 mil hectares

Fonte: Seab



## Potencial

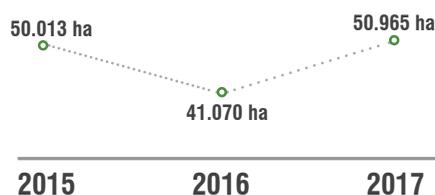
No que depender da demanda pelo produto, o cultivo da cevada no Brasil tem um bom potencial de crescimento. Somente para atender as indústrias que precisam do grão no país (a maioria cervejarias) seria preciso aumentar em ao menos três vezes a produção brasileira. Hoje o Brasil é responsável por 0,2% da produção mundial.

## Área maior, mas produtividade menor

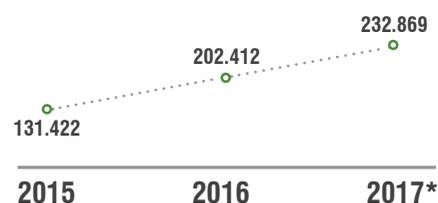
Em 2016, a produção de cevada no Paraná alcançou a marca recorde de 202,4 mil toneladas, com uma média de 4,9 toneladas por hectare. Apesar de a área com a cultura ter avançado 24% em 2017, comparado com 2016, as estimativas para o ciclo atual são de uma produtividade média de 4,5 toneladas por ha (-7%). Caso se confirme, esse rendimento deve resultar em um total de 232 mil toneladas do grão no Estado – o que seria um incremento de 15% na produção e um novo recorde.

## A cevada no Paraná

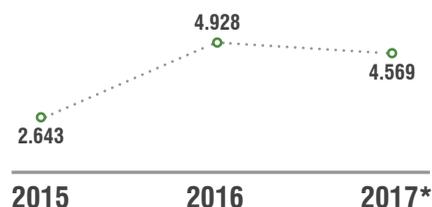
### ÁREA (hectares)



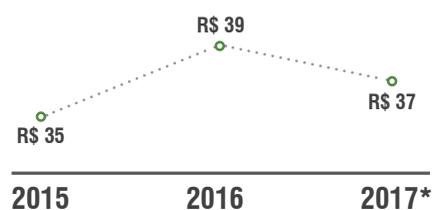
### PRODUÇÃO (toneladas)



### RENDIMENTO (kg/ha)



### PREÇO MÉDIO (R\$/saca)



\* previsão

Fonte: Seab

# Grão cobiçado

Milho paranaense abastece cadeias de proteína animal. Indústrias, importadores e até outros estados consomem parte do produto colhido no Paraná

## Milho - Exportação

Percentual exportado pelo Porto de Paranaguá como proporção da produção 2015/16



A força e organização das cadeias de proteína animal colocam o milho em posição de destaque no agronegócio estadual. A cada safra, em média, 64% da produção são consumidas pelo mercado interno, principalmente pelos produtores de aves de corte e matrizes, suínos e pecuária de leite, em forma de ração. Numa menor porcentagem, 20% seguem para o exterior, por meio do Porto de Paranaguá. Ainda 16% são enviados para outros estados.

Dentro dos limites estaduais, o milho desperta enorme interesse dos avicultores, suinocultores e pecuaristas. 87% do montante que fica por aqui abastecem as cadeias de proteína animal, da seguinte forma: 60% aves de corte, 19% suínos, 7% aves matrizes, 6% pecuária leiteira e 8% outras. Ainda, os 13% da produção são matéria-prima para as indústrias.

Essas e outras informações sobre a versatilidade do milho constam no estudo “Potencial de Escoamento da Produção Agropecuária Paranaense”, desenvolvido pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. O documento traz dados sobre produção e escoamento das principais cadeias

de agronegócio estadual: soja, avicultura, bovinocultura de leite, cana-de-açúcar, batata, fertilizantes, milho, trigo, feijão, suinocultura, bovinocultura de corte, cultivos florestais e mandioca. As seis primeiras culturas da lista já foram assunto de reportagem neste Boletim Informativo.

O Paraná tem duas safras de milho, verão e safrinha, sendo a segunda a maior. Na temporada 2016/17, as principais regiões produtoras do Estado, considerando volume, foram Oeste (31%), Norte (28%), Sul (17%), Centro-Oeste (13%), Sudoeste (7%) e Noroeste (4%).

O Norte foi a principal região que exportou pelo Porto de Paranaguá. E, em 2016, a estrutura paranaense movimentou 1,6 milhão de toneladas do grão. Deste total, 75% das cargas chegaram em carrocerias de caminhões. Para isso, mais de 34 mil veículos foram utilizados. O restante percorreu o trajeto de trem, utilizando mais de 8 mil vagões. Geralmente, as exportações ocorrem no segundo semestre, principalmente nos meses de setembro e outubro. O estudo completo pode ser acessado no site do Sistema FAEP, no link Serviços.

# TEMPOS MODERNOS

**Com a adoção da linha de montagem para produzir carros,  
a Ford transformou a indústria e mudou costumes**

Há mais de 100 anos, a linha de montagem em movimento chegava à indústria automobilística. Usada já à época pela indústria embaladora de carne norte-americana, em 1913 Henry Ford implantou a então inovadora forma de produzir em sua fábrica em Highland Park, no Estado de Michigan (Estados Unidos). Com a mudança conseguiu reduzir de 12 horas e meia para 5 horas e 50 minutos o tempo para montar um automóvel modelo Ford T. No ano seguinte já eram precisos apenas 93 minutos para montar uma unidade. Em 1920, a empresa produzia

um Modelo T por minuto.

A adoção da linha de montagem também representou diminuição dos custos de produção. Um Ford T que custava 850 dólares passou a ser vendido por 260 dólares. Foi uma transformação. Se até então o carro era para poucos, passou a ser um sonho de consumo acessível para as massas trabalhadoras. Isso porque a nova forma de produção também permitiu a redução do tempo de trabalho e aumento nos salários. Mais tempo e dinheiro para consumir. O sonho americano era uma realidade atingível.



## Padronização

A Ford já havia inovado ao padronizar as peças de seus veículos, o que permitia reduzir os custos. Mas mesmo assim eram altos e a montagem de carros era baixa para atingir mais clientes. Com a adoção da linha de montagem na fábrica em Highland Park, o chassi do automóvel era puxado pelo chão da fábrica por meio de uma corda. Os operários ficavam em seus postos estipulados ao longo de um trajeto de 45 metros. A medida que o

carro era arrastado, as peças eram instaladas. O processo reduziu o tempo de montagem pela metade. Para abastecer a fábrica com componentes, trens carregados de peças chegavam até o local. Gruas transportavam o material para dentro da montadora e esteiras levavam as peças até os trabalhadores.

Em 1914, a Ford fabricou cerca de 300 mil carros. Mais que as suas concorrentes juntas. A linha de montagem da Ford passou a ser copiada pelas outras fábricas de automó-

veis. Hoje é realidade em qualquer tipo de produto: de celular a brinquedos, de alimentos a móveis.

As linhas de montagem de automóveis modernas não necessitam mais de tantos operários. Robôs e computadores fazem boa parte do serviço e o acompanhamento de cada veículo construído na fábrica. No auge, a Ford tinha aproximadamente 48 mil trabalhadores em Highland Park. Hoje, apenas 500 pessoas trabalham na linha de montagem da empresa em uma unidade no Estado de Michigan.



# Incentivo aos produtores de ovinos e caprinos

Linhas de crédito específicas do PAP 2017/18 para as duas atividades contribuem para o melhoramento genético e aumento dos rebanhos no Estado

Por Carlos Guimarães Filho



Se o Plano Agrícola e Pecuário 2017/18 desagradou os produtores de grãos em alguns aspectos, como a quantidade insuficiente de recurso para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, alguns pontos ligados a ovinocultura e a caprinocultura contribuem para o avanço das atividades. As medidas envolvem linhas de créditos específicas que poderão ser utilizadas para aquisição de animais, recuperação de pastagens, melhoramento genético do plantel e até mesmo reforma de instalações nas propriedades.

“O produtor sempre necessitou de recursos, mas nunca tivemos uma linha de crédito específica para as culturas. Como estamos vivendo um momento bom, com grande demanda pela carne dos animais, esses recursos trazem motivação para o aumento do plantel”, ressalta Adriane Thives Araújo de Azevedo, presidente da Comis-

são Técnica de Caprinos e Ovinos da FAEP.

Nesta safra, via Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), os ovinocultores e caprinocultores podem financiar a retenção de matrizes com prazo de reembolso de dois anos (antes era um ano) e taxa de juros de 7,5% ao ano. Cada produtor tem direito a R\$ 1,5 milhão. A possibilidade de reter as matrizes evita o descarte precoce das fêmeas e, conseqüentemente, contribui para o aumento da oferta de animais no médio e longo prazos.

Ainda no Pronamp, produtores envolvidos com as duas culturas podem utilizar até R\$ 430 mil para a reforma de instalações, aquisição de animais, entre outros itens, também com taxa de juros de 7,5% ao ano. Porém, nestes casos, o prazo para pagamento é de oito anos.

Essas medidas terão impacto direto no abastecimento do mercado nacional. Sem produção suficiente para

atender a demanda interna, o Brasil importa quantidade significativa das proteínas, principalmente do Uruguai e Nova Zelândia.

“Com esses incentivos, os produtores tendem a manter as fêmeas no rebanho aliado a aquisição de mais animais. Isso irá aumentar a oferta de produtos”, explica Geisa Costa, engenheira agrônoma do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. “Além de incentivar os produtores que já estão na atividade, os recursos podem atrair novos, para começarem”, complementa Adriane.

No Paraná, as novidades do PAP 2017/18 também irão contribuir para a expansão das atividades, que já apresentam avanços nos últimos anos. De acordo com dados da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab), o plantel estadual de ovinos saltou de 511 mil cabeças em 2005 para 614 mil em 2015 (dado mais recente), crescimento de 20%. Já de caprinos, passou de 114 mil em 2005 para 151 mil em 2015 (32%).

## Demais linhas

Ainda dentro do PAP 2017/18, o Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais

(Moderagro), Inovagro e Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC) também trouxeram recursos específicos para os ovinocultores e caprinocultores. No primeiro, o produtor pode utilizar até R\$ 880 mil para adquirir matrizes e reprodutores, com taxa de juros de 8,5% ao ano e prazo de pagamento de dez anos, e mais três anos de carência.

Já no Programa ABC, o produtor pode financiar a aquisição de ovinos e caprinos para reprodução, recria e terminação, além da compra de sêmen, óvulos e embriões das espécies. As operações estão limitadas a 40% do valor financiado. A taxa de juros é de 7,5% ao ano, sendo que cada produtor pode utilizar R\$ 2,2 milhões. O prazo para reembolso pode atingir 12 anos.

“O recurso pode ser usado para compra de sêmen, embriões e óvulos, tudo para fazer o melhoramento genético do rebanho”, ressalta Geisa.

No Inovagro é possível financiar a aquisição de matrizes e reprodutores, com certificado de registro genealógico, desde que emitido por associações de criadores autorizadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A taxa de juros é de 6,5% ao ano, com recurso de R\$ 1,1 milhão por produtor e prazo de pagamento de dez anos, e mais três anos de carência.

Programa	Itens financiáveis	Juros	Recurso	Prazo
Pronamp Custeio	Retenção de matrizes.	7,5% a.a.	R\$1,5 milhão	2 anos
Pronamp Investimento	Reformas de instalações, aquisição de animais, recuperação de pastagens, incorporação de calcário agrícola, entre outros.	7,5% a.a.	R\$ 430 mil	8 anos
Moderagro	Aquisição de matrizes e de reprodutores.	8,5% a.a.	R\$ 880 mil	10 anos
Programa ABC	Aquisição de animais para reprodução, recria e terminação, além de sêmen, óvulos e embriões.	7,5% a.a.	R\$ 2,2 milhões	12 anos
Inovagro	Aquisição de matrizes e reprodutores, com certificado de registro genealógico.	6,5% a.a.	R\$ 1,1 milhão	10 anos

Fonte: Mapa



# Mais tempo para se adequar

Ministério da Agricultura atende pleito da FAEP e aumenta prazo para fábricas de ração que utilizam medicamentos veterinários de adaptarem a IN 14



Os estabelecimentos que utilizam medicamentos veterinários na composição de rações para animais terão um prazo maior para se adequarem às regras da Instrução Normativa nº 14, do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa), de julho de 2016.

O Diário Oficial da União publicou, no dia 19 de julho de 2017, a Instrução Normativa nº 25, da Secretaria de Defesa Agropecuária, que prorrogou em dois anos (até 18 de julho de 2019) o período para a adaptação de granjas e fábricas de ração às novas regras. A medida atende a um pedido da FAEP, que no fim de junho encaminhou um

ofício ao Mapa solicitando um prazo mais longo aos produtores.

A medida afeta suinocultores independentes que fabricam a ração em suas propriedades. Em 2016, o setor enfrentou uma crise severa, o que impediu que muitos produtores fizessem os ajustes necessários para atender à medida. Os recursos financeiros que seriam utilizados para investimentos em infraestrutura nas fábricas de ração, acabaram sendo necessários para o custeio da atividade, que enfrentou no ano passado uma alta no custo de produção, puxada principalmente pela valorização do milho.

Vale lembrar que a atividade tem grande importância na economia paranaense. O Estado possui o maior rebanho de suínos do país, com 7,1 milhões de cabeças, o que representa 17,7% do plantel nacional. O Valor

Bruto de Produção Agropecuária (VBP) da suinocultura paranaense atingiu, em 2015, a marca de R\$ 3,2 bilhões, gerando empregos diretos e indiretos, diversificando a renda nas propriedades e impulsionando a agroindústria, que contribui para o superávit da balança comercial brasileira.

A medida vale para fábricas de ração em geral, e afeta, além de granjas suínas, a produção de aves. Porém, esta atividade seria menos atingida pela normativa do Mapa, pois é praticamente toda desenvolvida no sistema de integração, no qual as empresas se responsabilizam pela produção da ração.

# Regras do STF vão balizar demarcações indígenas

Supremo define que posse de novas terras vai depender se a área pretendida já estava ocupada por índios na data da promulgação da Constituição, em 1988



A Advocacia-Geral da União (AGU) anunciou no dia 19 de julho que todos os órgãos do governo federal deverão adotar o entendimento firmado no julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a Terra Indígena (TI) Raposa Serra do Sol, em Roraima, nos processos de demarcação de terras indígenas.

A medida foi formalmente viabilizada pelo presidente Michel Temer, que assinou um parecer para balizar o entendimento dos órgãos envolvidos nas demarcações, como a Fundação Nacional do Índio (Funai), e diminuir os conflitos fundiários envolvendo áreas indígenas. As regras serão aplicadas somente nas demarcações que ainda estão em andamento.

De acordo com a AGU, ao decidir sobre a demarcação da TI Raposa Serra do Sol, em 2009, o Supremo definiu que a posse indígena das terras não impede a atuação do Poder Público na área. Dessa forma, podem ser ins-

taladas, sem autorização prévia, redes de comunicação, estradas e equipamentos públicos. As regras proíbem a cobrança de tarifas ou quantias de qualquer natureza por parte dos índios pela utilização das vias e demais equipamentos públicos localizados em suas terras e autorizam a demarcação de novas terras desde que a área pretendida estivesse ocupada pelos indígenas na data da promulgação da Constituição Federal (5 de outubro de 1988).

Em nota, a AGU informou que a adoção do procedimento não é uma inovação do Executivo sobre a matéria. “A novidade do presente ato é a forma jurídica adotada, já que a portaria [303/2012] anteriormente editada pela Advocacia-Geral da União não tinha o condão de vincular todos os órgãos da Administração Pública, enquanto o parecer aprovado, diferentemente, obriga todos os órgãos públicos a lhe dar fiel cumprimento, nos termos da Lei Complementar 73/1993”, informou o órgão.

# Aprendizado como prêmio

Vencedores do PER 2016 viajam à Argentina para conhecer os sistemas produtivos do país vizinho



Da esquerda para direita Gustavo Freyhardt, Hezion Naiverth, Carolina Porto e Salvador Stefano

Os vencedores do Programa Empreendedor Rural (PER) de 2016 tiveram uma rotina diferente. Entre 8 e 15 de julho, os três primeiros colocados no programa, Gustavo Freyhardt, de Porto Vitória (Sudeste); Hezion Eduardo Naiverth, de Paula Freitas (Sudeste); e Carolina Porto, de Maringá (Noroeste) estiveram na Argentina, onde puderam conhecer o sistema produtivo daquele país, com direito a visitas a propriedades rurais e agroindústrias. A viagem é a premiação aos melhores projetos de empreendedorismo na agropecuária paranaense.

O roteiro teve como primeiro destino Buenos Aires, onde assistiram às apresentações da cooperativa AFA (Agricultores Federados Argentinos) e do Instituto Nacional de Associativismo e Economia Social do Ministério de Desenvolvimento Social da Nação Argentina. Na ocasião, os três vencedores puderam conhecer mais sobre o sistema de produção argentino e a situação econômica do

país vizinho, que sofre atualmente com a inflação alta.

No segundo dia na capital argentina, os produtores do Paraná visitaram o Mercado Central, onde é feita comercialização de olerícolas direto dos agricultores. Também puderam conhecer mais sobre a famosa carne bovina argentina e a preocupação dos nossos vizinhos com a qualidade deste produto.

Depois a equipe seguiu viagem para a região de Mendoza, conhecida pela produção de uvas, azeitonas e vinhos. Ao longo dos dias, os produtores conheceram vinícolas, parreirais e plantações frutíferas.

Os sistemas de irrigação que tornam a região desértica altamente produtiva chamaram a atenção dos visitantes. Segundo a médica veterinária Carolina Ferreira Porto, de Maringá, alguns dos sistemas de irrigação visitados na viagem podem ser instalados em seus pomares de noz pecã. Ela possui atualmente 200 árvores e está plan-

tando mais 200 mudas. “Ano que vem pretendo dobrar de novo”, adiantou. Seu projeto no PER 2016 teve como eixo principal a geração de renda na propriedade por meio da diversificação, que já está ocorrendo.

Carolina também obteve conhecimentos valiosos na visita a uma propriedade que produz pistache, na qual conheceu sistemas diferentes de irrigação e podas de inverno.

A irrigação também chamou a atenção do produtor de frutas e hortaliças, Hezion Naiverth. “Lá eles têm escassez de água, mas conseguem uma grande produtividade”, observou. A água é um tema central no seu negócio. Seu projeto, que levou o segundo lugar no PER 2016, consistia no investimento de um sistema móvel de irrigação para plantação de melancia. Depois de colocar seus planos em prática, ele contou que o resultado superou as expectativas. “Planejei um aumento na produtividade de 25%, mas já passou de 30%”, comemorou. Segundo ele, o conhecimento adquirido na visita à Argentina levará para a vida. “Vai ser difícil fazer outra viagem igual.”

O produtor Gustavo Freyhardt também se surpreendeu com o que viu no país vizinho. “As soluções que eles encontram para a falta de água me chamaram a atenção. É uma realidade bem diferente da nossa”, observou o jovem, que está terminando este ano o curso de Medicina Veterinária. Seu projeto, que levou o primeiro lugar no PER 2016, refere-se à produção de leite, o que não tem relação direta com o que foi visto durante a viagem. Mesmo assim, Freyhardt considerou as experiências adquiridas bastante valiosas para o dia-a-dia na propriedade. “A viagem mostrou para gente como a produção pode ser intensa mesmo em uma região desértica como a de Mendoza”, afirma.

## Semelhanças

É curioso perceber que quando conhecemos realidades diferentes, muitas vezes o que acaba se destacando são nossas semelhanças mais do que as nossas diferenças. Um dos aspectos que mais marcou os produtores brasileiros ao conhecer os sistemas de produção argentinos foi a importância da sucessão familiar, que também é um problema para o país vizinho; as dificuldades em conseguir mão de obra adequada para as atividades rurais; e o caminho inevitável da mecanização (que já é uma realidade no manejo de uvas).

“Eles têm um programa para jovens agricultores bem parecido com o Empreendedor Rural, e também estão preocupados com a sucessão rural”, observou Hezion Naiverth.

Segundo o supervisor do SENAR-PR da região de Mandaguaçu, Salvador Stefano, que acompanhou e deu suporte ao grupo durante toda viagem, na Argentina, como no Brasil, a agricultura só é viável quando conduzida de forma profissional. “Saber os custos do seu negócio na ponta do lápis é fundamental, por isso o PER é importante”, avalia.



Visita a vinícolas fizeram parte da programação



Os paranaenses também conheceram a Cordilheira dos Andes

## O PER

Anualmente, o SENAR-PR, em parceria com o SEBRAE-PR e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Paraná (Fetaep), premia os melhores projetos de empreendedorismo no agronegócio do Estado. Ao longo do ano, os produtores que realizam o curso Empreendedor Rural, do SENAR-PR, aprendem a estruturar um projeto na sua propriedade. O objetivo é que os participantes coloquem na ponta do lápis todas as suas contas e estudem o ambiente econômico onde estão inseridos, de modo a orientar suas atividades empreendedoras de acordo com os estímulos do mercado. A gestão e o planejamento são ferramentas-chave neste processo.

Depois de estruturados os projetos, os produtores podem inscrevê-los no concurso que premia as melhores iniciativas no final do ano, durante o Encontro Estadual de Empreendedores e Líderes Rurais, realizado em Curitiba. Os três primeiros lugares recebem como prêmio uma viagem técnica internacional.

# Itaipu e CIBiogás conhecem modelo de bioenergia de Castro

Empresas acreditam no potencial energético associado à produção agrícola no Estado



O superintendente de Energias Renováveis da Itaipu Binacional, Paulo Schmidt, e o diretor de Desenvolvimento Tecnológico da CIBiogás Energias Renováveis, Rafael Hernando de Aguiar Gonzales, estiveram em Castro (Campos Gerais), no dia 14 de julho, visitando a propriedade do produtor Jan Haasjes.

O encontro promovido pela FAEP teve por objetivo conhecer modelos de geração de energia utilizados por produtores rurais e o impasse vivido por Haasjes desde que a empreitada, que também poderia gerar energia e renda, acabou, em 2014, quando a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), por meio da Resolução Normativa (RN) n.º 482/12, proibiu a venda direta de energia. “Confirmamos um potencial de negócios para o Paraná associado a produção agrícola, que é uma tendência mundial de negócios

sustentáveis que produzem riquezas”, avaliou Schmidt.

Entre 2009 e 2012, quando era possível vender a energia excedente gerada na propriedade, alguns produtores investiram em unidades de energias renováveis. Um deles foi o produtor Jan Haasjes, que importou um biodigester da Alemanha para dar destino correto aos dejetos de seu plantel de suínos, solucionando o passivo ambiental em sua propriedade. Haasjes ficou com o “elefante branco”, como ele denomina o equipamento.

“O arranjo da propriedade é evoluído e organizado. Ele precisa de um modelo de negócio para usar o excedente de energia que já está produzindo, dando destino para outros resíduos que não somente o dele”, explica Schmidt.

Hoje, Haasjes não consegue fazer a distribuição da energia produzida pelo biodigester para outras áreas dele,

que estão num raio de 10 quilômetros. A distribuição é permitida somente às concessionárias. “É vital desenvolvermos políticas favoráveis a integração do biogás e de outras fontes renováveis na sua matriz energética. Não de forma só a produzir energia, mas a combinar a ação com outros investimentos e linhas de produção importantes para a nossa economia, como a cadeia de proteína animal que é hoje uma das principais fontes de riqueza do Estado, principalmente como produto de exportação”, afirma Schmidt.

O diretor de Desenvolvimento Tecnológico da CIBiogás Energias Renováveis, Rafael Hernando de Aguiar Gonzales, concorda que o desafio é resolver o impasse de como o produtor que tem excedente pode repassar essa energia para a rede. Para ele, apesar de ter uma legislação, a proposta precisa avançar para modelos de negócios.

“É uma oportunidade de o produtor passar a ver o dejetos, que é produzido na propriedade, como energia, como uma fonte que ele tem.”

Ainda, segundo Gonzales, a questão ambiental é ainda mais importante. “Independentemente de gerar energia, o produtor tem que resolver o passivo ambiental. O que se espera é que o produtor consiga resolver o problema ambiental gerando energia.”

A oportunidade de geração de energia é real e regulamentada. A mudança passa pela questão cultural, ambiental e econômica. Em um comparativo com a Europa, Gonzales, que conheceu os modelos da Áustria, Alemanha e Itália, explica que os produtores estão organizados para atender uma necessidade energética, inclusive com organização comunitária. “Uma realidade diferente do nosso produtor, que está organizado para a produção agrícola.”

## Nova fase

Desde 2015, quando houve a revisão da legislação permitindo a geração distribuída compartilhada, a bioenergia tem despertado o interesse de produtores rurais e instituições. O uso do biogás vem se disseminando no Brasil, assim como o potencial para melhorar sua produção e reduzir seus custos operacionais. O Sistema FAEP/SENAR já organizou duas viagens técnicas este ano à Europa com produtores e técnicos para entender como o tema é tratado nos países europeus.

É um novo mercado que se abre para o Brasil, com a inserção da tecnologia do biogás na matriz energética nacional. A Itaipu, que responde por 17% da energia utilizada no Brasil, vê em outras fontes de energia uma oportunidade de mercado. Tanto que a empresa inaugurou, em Foz do Iguaçu, uma unidade de demonstração de biogás e

biometano. A planta é a primeira do Brasil que utiliza como matéria-prima uma mistura de esgoto, restos orgânicos de restaurantes e poda de grama. A produção de biogás em território nacional é feita apenas com dejetos de animais. “A medida que outras fontes passem a ocupar mais espaço na matriz energética brasileira, isso pode ser no futuro interesse de negócio da própria empresa”, diz Paulo Schmidt.

Itaipu está desenvolvendo um projeto mais avançado de energia renovável pensando na questão ambiental e no desenvolvimento da região Oeste do Paraná, que tem uma grande concentração de produtores de suínos e aves. “Precisamos de uma visão sustentável do desenvolvimento e nos preocupamos com o correto tratamento dos dejetos”, conta Schmidt.

## Política estadual

Santa Catarina foi o primeiro Estado a ter uma legislação específica para toda a cadeia do biogás baseada na realidade econômica da biomassa regional e alinhada com metas ambientais. O documento com o embasamento técnico e o Marco Legal para a proposição de uma política estadual de desenvolvimento energético, considerando o potencial de produção de biogás e biometano no Estado, a partir do tratamento de dejetos resultantes da produção de proteína animal, carnes e leite, foi entregue ao governador Raimundo Colombo no dia 11 de julho.



Jan Haasjes, Paulo Schmidt e Rafael Gonzales

# Atualização na Receita Federal

O prazo estabelecido pela Instrução Normativa conjunta da Secretaria da Receita Federal do Brasil (SRFB) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) relacionada ao Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR) e do Cadastro de Imóveis Rurais (Cafir) terminou em 31 de dezembro de 2016. Os produtores que não realizaram o procedimento poderão ser impedidos de tirar o Certificado de Cadastro de Imóveis Rurais (CCIR) e, conseqüentemente, enfrentarem problemas para emitir Certidão Negativa de Débito e acessar crédito em instituições financeiras.

Diante da situação, as entidades do agronegócio, como a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a FAEP, têm discutido o assunto. A intenção é que os órgãos

envolvidos no processo não autuem os produtores, mas trabalhem na orientação para que seja regularizado o cadastro.

Os produtores que ainda não fizeram o processo devem atualizar as informações no SNCR, colocando inclusive o Número do Imóvel na Receita Federal (Nirf). Caso outros Nirfs estejam excedentes, devem ser cancelados. Apenas um Nirf deve constar no sistema.

O pedido de cancelamento dos demais Nirfs deve ocorrer com o preenchimento do formulário Diac eletrônico, encontrado no aplicativo Coletor Web de Cafir, disponível no site da Receita Federal.

As informações detalhadas de como atualizar a situação cadastral estão no site da FAEP, no link Serviços.



## FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 30/06/2017

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Saldo C/C	261,14	-	-	2,69	-	-	-	263,83
Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	38.883.973,78	-	2.341.952,64	-	45.523.359,48
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.032.205,24	-	181.518,99	-	16.384.612,07
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.915.517,48	-	-	-	7.740.052,11
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	153.702,86	-	-	-	231.025,64
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	15.097,32	-	-	-	20.935,93
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	192.631,59	-	-	-	276.639,50
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
<b>TOTAL</b>	<b>20.744.443,14</b>	<b>4.624.105,00</b>	<b>141.031,00</b>	<b>47.331.812,05</b>	<b>542.225,27</b>	<b>2.664.502,63</b>	<b>77.645,94</b>	<b>70.099.321,13</b>
<b>SALDO LÍQUIDO TOTAL</b>								<b>70.099.321,13</b>

Ágide Meneguette  
Presidente do Conselho Deliberativo

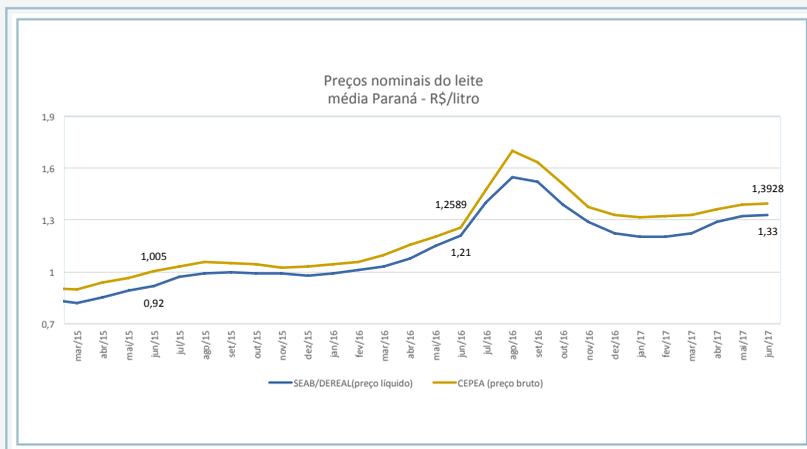
Ronei Volpi  
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt  
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

# Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

## RESOLUÇÃO Nº 7/2017

A diretoria do Conseleite-Paraná, reunida no dia 18 de julho de 2017, na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em julho de 2017 e a projeção dos valores de referência para o mês de junho de 2017, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - JUNHO/2017

Matéria-prima	Valor projetado em junho/2017 (leite entregue em junho a ser pago em julho)	Valor final em junho/2017 (leite entregue em junho a ser pago em julho)	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,0970	1,1006	0,0036

## VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - JUNHO/2017 E PROJETADOS JULHO/2017

Matéria-prima	Valor final em junho/2017 (leite entregue em junho a ser pago em julho)	Valor projetado para julho/2017 (leite entregue em julho a ser pago em agosto)	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	1,1006	1,0662	-0,0344

**Observações:** Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada "Leite Padrão", se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas /ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de julho de 2017 é de **R\$ 2,3700/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.conseleitepr.com.br](http://www.conseleitepr.com.br)

Curitiba, 18 de julho de 2017

**RONEI VOLPI** Presidente | **WILSON THIESEN** Vice - Presidente



SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

## POSSE

O Sindicato Rural de São José dos Pinhais empossou, em 7 de julho, a nova diretoria da instituição para o triênio 2017/20. O presidente Paulo Ricardo da Nova foi reeleito para o cargo na chapa que tem como vice-presidente, Luis Carlos Bracholka; secretário, Fernando Teterycz; e tesoureiro Hamilton Possebon. A FAEP foi representada na solenidade pelo diretor secretário Livaldo Gemin.



NOVA AURORA

## AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Nova Aurora realizou, de 31 de maio a 2 de junho, o curso Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 14 pessoas com o instrutor Paulo Marchesan.



PALOTINA

## GESTORES RURAIS

O Sindicato Rural de Palotina promoveu, de 12 de abril a 12 de junho, o Programa Gestores Rurais. Participaram 14 pessoas com a instrutora Maria José Andreaci Zuleger.



GUARAPUAVA

## PER

O Sindicato Rural de Guarapuava, em parceria com a Unicentro, promove o Programa Empreendedor Rural. O curso teve início no dia 20 de maio e tem previsão de término em 14 de outubro. Participam 19 pessoas com o instrutor Josias Schulze.



CAMPINA DA LAGOA

## DERIVADOS DE PESCADO

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, nos dias 28 e 29 de junho, o curso Produção Artesanal de Alimentos – Derivados de Pescado. Participaram 13 pessoas com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.



CIANORTE

## SEGURANÇA NO TRABALHO

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, realizou nos dias 14 e 15 de março, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho – NR 35 – Trabalho em Altura. Participaram seis pessoas com o instrutor Rodrigo Rivarola.



RIO BRANCO DO IVAÍ

## MARACUJÁ

O Sindicato Rural de Rio Branco do Ivaí, em parceria com a Secretária da Agricultura do município, realizou nos dias 5 e 6 de junho o curso Trabalhador na Fruticultura Básica – Cultivo do Maracujazeiro. Participaram 16 pessoas com a instrutora Maria Helena da Cruz.



IGUARAÇU

## TRATORISTA AGRÍCOLA

O Sindicato Rural de Iguaçu promoveu, de 5 a 9 de junho, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola). Participaram dez pessoas com o instrutor João Shinobu Tamai.

# VIA RÁPIDA



## Fila no banheiro

Cientistas da Universidade de Gante, na Bélgica, decidiram se debruçar sobre um dilema bem atual. Por que as mulheres enfrentam longas filas em banheiros de bares, shows e festas? Os pesquisadores belgas usaram cálculos matemáticos para tentar encontrar uma solução para o problema. Perceberam que mesmo tendo uma área igual, um banheiro destinado aos homens pode comportar mais gente do que o voltado ao público feminino, já que as latrinas usadas apenas para urinar ocupam menos espaço no lado masculino. Só com isso, perceberam os cientistas, as mulheres aguardam vários minutos na fila enquanto os homens ficam poucos segundos. Outro cálculo levantado no estudo foi que elas ficam mais tempo no banheiro: cerca de um minuto e meio. Eles ficam, em média, um minuto. A pesquisa indicou que a melhor maneira para se acabar com o desequilíbrio no tempo gasto para fazer as necessidades fisiológicas nas baladas seria a adoção de banheiros mistos.

## Insistência

Um menino é colocado na cama pelo seu pai.  
Cinco minutos depois...

- Pai...
- O que é menino?
- Você pode trazer um copo com água para mim, estou com sede?
- Não! Apague a luz e vá dormir.

Cinco minutos depois...

- Pai
- O que é?
- Eu estou com sede. Posso ir tomar água?
- Já disse que não. Se me perguntar novamente irei até aí e lhe darei umas palmadas.

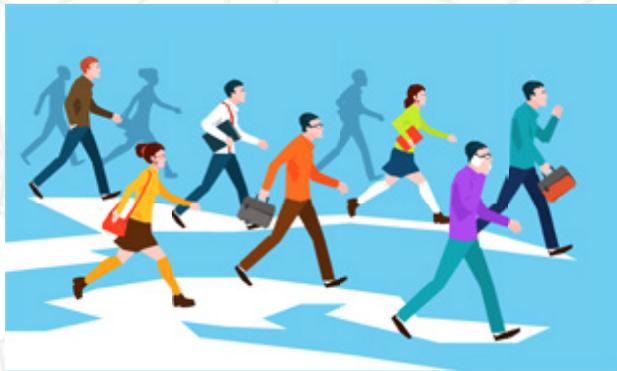
Cinco minutos depois...

- Pai.
- O que é?
- Quando o senhor vier me dar umas palmadas, dá para trazer um copo com água?

## Voando baixo

O Caribe é famoso pelo clima e por suas praias paradisíacas. Mas uma das ilhas da região tem a atração mais inusitada. Em Saint Martin, a praia de Maho é muito próxima à cabeceira da pista do aeroporto local. Das areias é possível observar aviões passando a 30 metros de altura, enquanto fazem a aproximação para pousarem no aeroporto da ilha. A praia se tornou atração turística por causa disso. Restaurantes e bares têm placas com os horários dos voos que chegam e saem do aeroporto.





## Caminhando

Muitas pessoas buscam nas caminhadas uma forma de se exercitar e evitar a obesidade. Quantos passos você dá por dia? Impossível contar. Existem aplicativos para celular que ajudam a fazer essa medição. Uma pesquisa da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, decidiu analisar dados registrados por smartphones de 700 mil pessoas para montar um ranking dos povos mais ativos do mundo. Com os dados, os especialistas apontaram que o número médio de passos que alguém dá por dia é de 4.961. Os moradores de Hong Kong aparecem em primeiro lugar na lista que reúne informações de 46 países, com uma média de 6.880 passos por dia. O Brasil aparece em 40.º lugar, com uma média de 4.289 passos diários. O estudo foi publicado na revista científica Nature.



***“Os únicos limites das nossas realizações de amanhã são as nossas dúvidas e hesitações de hoje.”***

**Franklin Roosevelt (1882-1945),**  
presidente dos Estados Unidos.

## Galinha pilhada

Uma galinha botou um ovo de cima do poleiro, só que o ovo caiu e quebrou.

Aí a galinha subiu no poleiro de novo e botou mais um ovo, que também caiu e quebrou de novo.

Na terceira vez, o galo perguntou:

- Por que você está botando ovo aí em cima, já que ele cai toda hora?

A galinha respondeu:

- Porque hoje estou botando pra quebrar!

## Papiro Ebers

A civilização egípcia deixou para posteridade muitos legados. Além das famosas pirâmides e das múmias, um conjunto de tratados médicos, muitos ainda usados nos tempos atuais, constam no Papiro Ebers. Datado de cerca de 1550 antes de Cristo, o documento contém fórmulas mágicas e remédios populares, além de uma descrição do sistema circulatório do corpo humano. Esse conhecimento foi adquirido graças ao processo da mumificação, quando os egípcios tinham que abrir os corpos e retirar os órgãos para preparar os mortos para a passagem para a “vida eterna”. O papiro está guardado na biblioteca da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Recebeu esse nome em homenagem ao monge alemão Georg Ebers, que o comprou em 1873.



## UMA SIMPLES FOTO



# Olhe

Quando estiver em dificuldade e pensar em desistir, lembre-se dos obstáculos que já superou.

Olhe para trás.

Se tropeçar e cair, levante. Não fique prostrado. Esqueça o passado.

Olhe para frente.

Ao sentir-se orgulhoso por alguma realização pessoal, sonde suas motivações.

Olhe para dentro.

Antes que o egoísmo o domine, enquanto seu coração é sensível, socorra aos que o cercam.

Olhe para os lados.

Na escalada rumo às altas posições, no afã de concretizar seus sonhos, observe se não está pisando em alguém.

Olhe para baixo.

Em todos os momentos da vida, seja qual for sua atividade, busque a aprovação de Deus.

Olhe para cima.

*Charles Chaplin*

Acesse a versão digital deste informativo:

**sistematicaep.org.br**

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistematicaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistematicaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais



#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

#### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

#### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ \_\_\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ \_\_\_\_\_ Responsável